



INVESTIGAÇÃO EM COIMBRA

Gel com células estaminais melhora a cicatrização de feridas diabéticas

■ Uma equipa de investigadores da Universidade de Coimbra desenvolveu uma metodologia que combina células estaminais do sangue do cordão umbilical e células dos vasos sanguíneos, permitindo melhorar a cicatrização de feridas crónicas em diabéticos.

«É uma descoberta relevante, pode permitir uma solução terapêutica para um problema que tem grande expressão na sociedade actual», disse ontem à agência Lusa Lino Ferreira, coordenador da equipa do Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra (CNC/Biocant).

Os investigadores descobriram que a utilização de um gel com células estaminais do sangue do cordão umbilical, combinadas com células existentes nos vasos sanguíneos (endoteliais), melhora a cicatrização de feridas crónicas em animais diabéticos.

De acordo com o estudo, publicado segunda-feira na revista científica internacional PLoS ONE, nas experiências laboratoriais foram utilizados seis ratinhos, os quais apresentavam, cada um, duas pequenas feridas de seis milímetros de diâmetro.

O tratamento das feridas, através da aplicação do gel, decorreu ao longo de dez dias, período de tempo em que os animais foram mantidos em espaços individuais, com comida e água e temperatura e humidade controlada.

«Não chegou a haver cicatrização completa. Mas houve diminuição da [extensão] das feridas ao longo do tempo», disse Lino Ferreira.

A investigação permitiu concluir que a metodologia utilizada «potenciou o efeito terapêutico», adiantando que a combinação dos dois tipos de células «melhorou a cicatrização das feridas», em comparação com feridas tratadas com gel contendo apenas células estaminais.

Segundo um documento anexo à investigação ontem divulgada, que cita dados do Ministério

da Saúde, nos seres humanos, o pé diabético «é um dos exemplos mais significativos de ferida diabética», sendo responsável «por cerca de 70 por cento de todas as amputações efectuadas por causas não traumáticas».

«Estima-se que cerca de 25 por cento de todas as pessoas com diabetes tenha condições favoráveis ao aparecimento de lesões nos pés», adianta o texto.

A equipa coordenada por Lino Ferreira integra ainda Dora Pedroso, Ana Tellechea, Liane Moura e Eugénia Carvalho, investigadoras do Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra, Isabel Fidalgo Carvalho, do Instituto de Biologia Molecular e Celular da Universidade do Porto, e João Duarte, da empresa Cri-oestaminaal. |